

## janela aberta

# A Praça Silvio Romero A "tradição"

Rosani Cristina Rigamonte\*

*"O homem não se contenta mais em conhecer, conhecendo mais, ele vê a si mesmo conhecedor, e o objetivo de sua pesquisa torna-se um pouco mais, cada dia, esse par indissolúvel formado por uma humanidade que transforma o mundo e que se auto-transforma no curso de suas operações". (Levi-Strauss, 1989:401)*

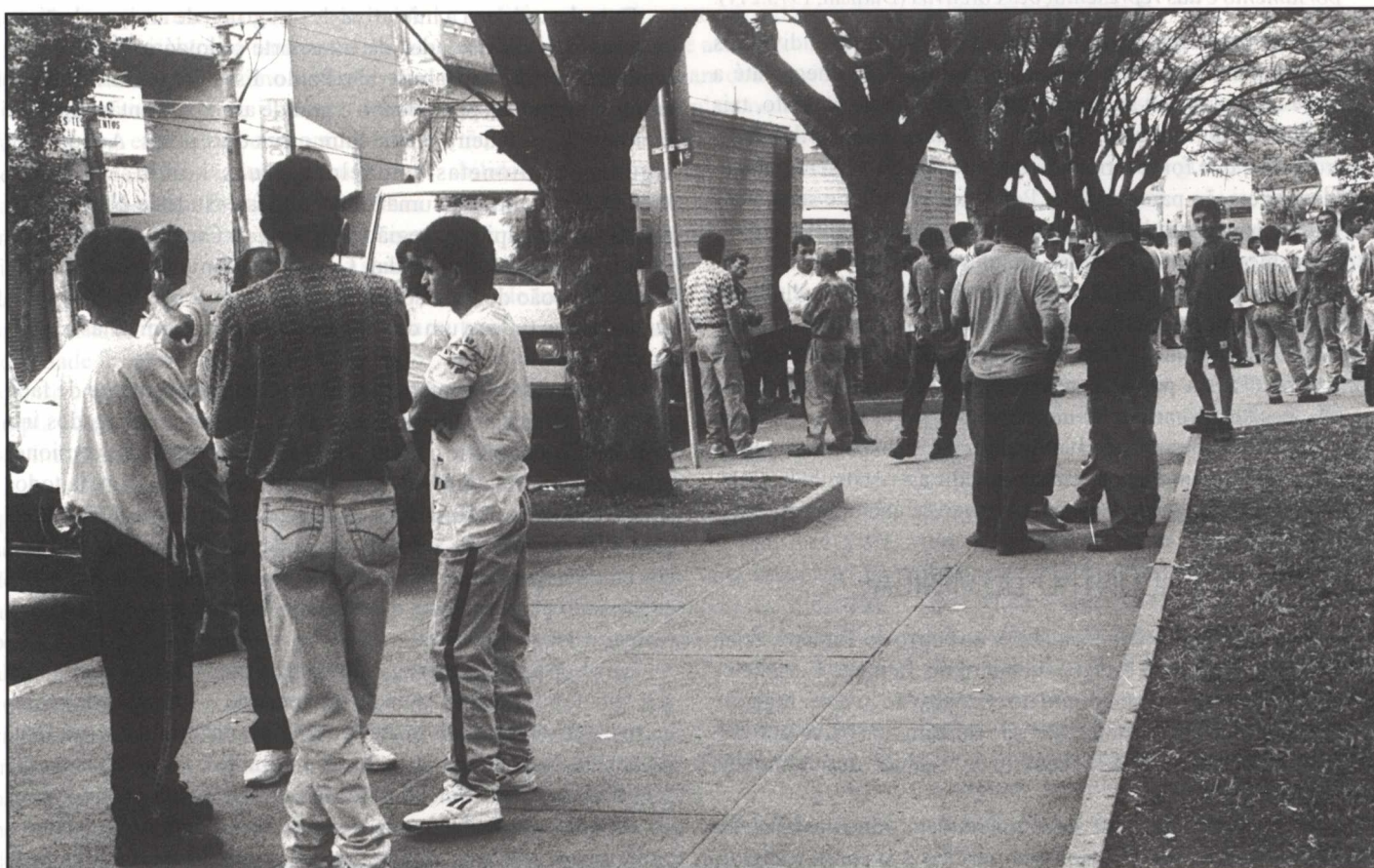


Foto: Inês de Castro

A identificação de estratégias de sociabilidade e de trabalho, as transformações na cultura de origem e as formas de lazer dos migrantes nordestinos na cidade de São Paulo serão os pontos de referência nesta análise, que terá como pano de fundo a procura das influências de todo este processo em seu modo de vida, tanto na metrópole, quanto no seu local de procedência.

Na metrópole paulistana, nem todas as redes de comunicação e sociabilidade seguem um padrão único de regras, condizente

com uma estrutura urbano-industrial e de comunicação de massa. Há redes que se mantêm mediante uma estrutura peculiar, através de arranjos e padrões próprios. Para que se vislumbre tal possibilidade, neste artigo, foi analisada a Praça Silvio Romero, local onde uma rede de indivíduos é movida pelo seu conhecimento prévio, reafirmando laços de confiabilidade e mecanismos de conhecimento, vizinhança e parentesco, provenientes do local de origem.

Os frequentadores desta Praça já se conhecem previamente, reforçam ali uma rede que se move desde o sertão até a cidade. A utilização constante deste mecanismo permite que ela (a rede) se perpetue ao longo do tempo. Esta rede de entregas, movida pelos encontros dominicais, estabelece uma linha direta que permite um intercâmbio entre dois pólos, os benefícios da vida moderna melhorando a vida no sertão, e os ingredientes da culinária regional, produzidos no sertão, sendo consumidos na metrópole. As oportunidades de trabalho são visíveis nos dois extremos, independente de que lado se esteja.

Portanto, este é um mecanismo que beneficia e facilita a vida de seus integrantes, que estabelece uma prática diferenciada, sobretudo quando se enfoca o contexto no qual ela se realiza:

*Na cidade a família se reorganiza, mas permanece como o grupo basicamente responsável pelo bem-estar e segurança econômica de seus membros e é, por assim dizer, o ponto de referência e o núcleo de reelaboração dos padrões de comportamento e das representações coletivas (Durham, 1973:211).*

Através dos laços de parentesco e vizinhança, os indivíduos que participam desta rede têm a possibilidade de chegar até a cidade e inserir-se nos seus mecanismos de funcionamento, tais como o trabalho, moradia, locomoção, lazer e sociabilidade. Inserção esta que foi se firmando durante décadas e sendo transmitida de geração para geração. Portanto, a família e seus laços encontram a possibilidade de se fortalecer, mediante alternativas próprias, mesmo no interior das grandes cidades.

Além da perpetuação dos laços de origem, é possível observar ainda, neste mesmo local, como se deu a formação de um “pedaço”<sup>1</sup> nordestino, dentro de uma “mancha”<sup>2</sup> de lazer, que seria o caso desta praça. É possível perceber como diferentes populações se apropriam de um mesmo espaço, cada qual com suas regras, cada qual com sua dinâmica e suas peculiaridades. Sem, no entanto, uma interferir ou impedir a existência da outra, pelo contrário, todos os domingos, o povo se encontra na praça.

## O ENCONTRO DOMINICAL

A Praça Silvio Romero localiza-se no bairro do Tatuapé, Zona Leste, a 500 metros da estação de metrô do Tatuapé. É tradicionalmente conhecida como ponto de encontro de jovens, lugar de *footing* aos finais de semana, que se realizam nos bares que circundam seus arredores. Já foi cenário de “rachas” de automóveis e encontro de *playboys*.

Esta “mancha” de lazer se completa com outros estabelecimentos, tais como restaurantes com serviço *à la carte*, rodízios, bares, lanchonetes, entre elas, um McDonald's. No centro da Praça fica a Igreja Nossa Senhora da Conceição, cercada por bancos e árvores. Numa das laterais, um grande ponto de táxi, na outra, o ponto final da linha de trólebus Praça da Sé - Praça Silvio Romero. Lojas de grifes, modernas agências bancárias, banca de jornal e frutas convivem com antigos estabelecimentos comerciais.

Um centro de bairro que se moderniza, mas conserva um ar de cidade interiorana. Este é o cenário, com os variados grupos dividindo entre si o mesmo espaço: idosos no período da tarde,

os católicos por ocasião das celebrações religiosas na igreja, e, no mais das vezes, jovens frequentando-na no período noturno. Contudo, existe também um outro tipo de usuário, de tradicional e assídua presença, os nordestinos, que frequentam a Praça todos os domingos pela manhã. Além do previsível propósito de usufruir de um espaço público destinado ao lazer, um outro objetivo os atrai à praça: a espera de caminhões que trazem mercadorias e encomendas do sertão baiano. Para entender as razões deste comportamento é preciso remontar até algumas décadas atrás.

Hoje, o bairro do Tatuapé, embora seja uma região da cidade que concentra grande número de nordestinos, não é conhecido apenas como um pólo aglutinador desta população. Trata-se de uma área central que é dista oito quilômetros da Catedral da Sé, o Marco Zero da cidade, servida por trem e metrô, e ponto de baldeação para o centro propriamente dito da cidade. Nos anos 60, Vila Alpina, Vila Invernada e outros bairros circunvizinhos, centros receptores de migrantes nordestinos, já se serviam do Tatuapé como um caminho para o centro.

Data desta época a iniciativa de um grupo de amigos destinada a sanar as dificuldades de transporte rodoviário entre certas regiões do sertão da Bahia e São Paulo. Esse grupo, formado por antigos migrantes, percebendo o grande afluxo de então, inauguraram uma verdadeira ponte entre esses dois pólos. Adquiriram algumas camionetas (modelo: *peruas* kombi, da marca Volkswagen) e criaram uma linha Nordeste-Sudeste-Nordeste ligando os municípios da região de Vitória da Conquista (tais como Piriá, Cordeiros, Tremendal, Condeúba, Jânio Quadros, Lagoa Preta, São João do Paraíso-MG e Taioberas) com São Paulo. Em pouco tempo tinham um cronograma completo com datas e horários.

A Praça Silvio Romero, por ser considerada central e de fácil acesso aos bairros para onde a maioria dos recém-chegados iria se deslocar, tornara-se o ponto de partida e chegada das camionetas, e, dessa forma, tornou-se um ponto de referência para todos aqueles que mantinham laços com os parentes nas regiões de origem. Até meados dos anos 70, a parada das camionetas era feita em uma rua paralela à praça, mas como o fluxo foi crescendo e angariando popularidade, desde então a movimentação passou a ocupar o espaço da praça.

Este tipo de transporte ganhou muitos adeptos e logo ampliou seu raio de atividades. Além de um meio de locomoção de passageiros, o sistema de camionetas tornou-se um sistema de comunicação alternativo para parte destes migrantes. As pessoas começaram a remeter encomendas, recados, presentes. Ao mesmo tempo em que as solicitações se diversificavam, empresas maiores começavam a investir mais na região, o que instaurou uma forte concorrência ante esta rede de transporte informal.

Os caminhões, atualmente, são mais de 20 e na maioria das vezes fazem viagens quinzenais, sendo que alguns dos caminhoneiros foram outrora “perueiros”. Os caminhões não transportam cargas do Nordeste para cá, não é este o ponto forte da linha, na medida em que buscar outros tipos de carga, embora pudesse expandir a rede e atender a outras regiões, acabaria afetando a assiduidade das viagens e poderia aumentar os seus custos, o que não interessa aos proprietários. Esta frota de caminhões se esta-

beleceu para atender à demanda das encomendas, cujo volume é suficiente para custear as despesas ou prejuízos com as viagens.

Os caminhões transportam, no mais das vezes, eletrodomésticos, alimentos, roupas, materiais de construção, mudanças e cartas. São presentes e ajuda remetidos aos parentes que permaneceram na Bahia.

As cartas que são remetidas de São Paulo para o sertão baiano, através dos caminhoneiros, destinam-se às pequenas cidades e vilarejos desprovidos de serviço de entrega a domicílio. Muitas vezes, através destas cartas chega o dinheiro que garante o sustento da família no sertão. São lugares em que o correio concentra as correspondências recebidas em sua agência local, sendo atribuição do interessado a descoberta e retirada das eventuais remessas. Considerando-se que o transporte local é quase inexistente, dificultando em muito o acesso dos meios de comunicação aos familiares, e posto que a maioria reside no perímetro rural, apenas para saber se há correspondência é necessário se locomover 10, 20 ou 30 km até a agência.

Os caminhoneiros, por sua vez, são provenientes da região. Conhecem as famílias, fato que estabelece maior confiabilidade entre as partes, facilita a troca de correspondências, a entrega de mercadorias e cria a possibilidade de uma "rede informal" de comunicação, sem a qual o serviço seria inviável.

Na praça, vendedores se encontram e montam suas barracas para vender churrasquinhos, batidas, cachorro-quente, fumo de corda proveniente da região, botinas, papéis e envelopes de cartas. Todos os bares ao redor da praça e uma papelaria abrem aos domingos pela manhã para atender a clientela que ali se reúne. Os caminhões estacionam e descarregam suas mercadorias, as carrocerias ficam abertas e toda a carga exposta. Alguns pacotes provenientes do sertão contêm alimentos típicos, presentes, retribuições, um sinal de vida, de presença e uma grande quantidade de cartas.

Além de receber as cartas e encomendas, as pessoas trazem sua correspondência para ser enviada e, por vezes, alguns pequenos pacotes. No caso da remessa de eletrodomésticos, é feita a solicitação de remessa e combinado o dia para a retirada da mercadoria na residência do remetente. Tanto as cartas quanto as encomendas não seguem os padrões formais de endereçamento, tais como nome, endereço, cidade, CEP. Uma vez ou outra o envelope contém apenas referências nominais, algo como "Para ser entregue à Maria Aparecida de Matos [frente], de Antônio Simão Silva [verso]", e tudo chega ao seu destino. A relação é de confiabilidade e cumplicidade entre os organizadores e os receptores desta "rede informal de comunicação". Em meio à metrópole e a relações tão distanciadas há um espaço preservado que reproduz as relações vividas na região de origem, garantindo sua continuidade.

Trata-se, evidentemente, de uma lógica que pouco tem a ver com a que regula as atividades e negócios próprios da sociedade moderna; tem antes a ver com as relações de tipo comunitário - em que as relações face-a-face e o conhecimento prévio dos interlocutores fornece as bases da garantia (Tönnies, 1963) -, cuja base de confiabilidade é dada pela referência a vínculos familiares e às redes mais amplas que dela derivam. Evidentemente, isto

não significa que os usuários do sistema deixem de participar de outros, característicos de relações "societárias"; trata-se, simplesmente, de manter os vínculos com a outra ponta de seu universo de referência, daí a preferência ao sistema a que ambos os pólos estão acostumados.

Neste emaranhado de mensagens, o movimento da Praça é bastante interessante: um aglomerado de pessoas em volta dos caminhões e, claro, em torno dos personagens de maior destaque da Praça, "os caminhoneiros". Eles proporcionam esses momentos de prazer e são os intermediários entre os dois universos, participando das duas lógicas e realizando uma ponte entre o sertão e a metrópole. Representam pessoas que lutaram e conseguiram sucesso por meio de seu trabalho, de um trabalho que preserva e perpetua o referencial de origem. Conversar com o caminhoneiro recém-chegado é obter informações recentes sobre a região, tais como quem casou, quem morreu, quem migrou, quem retornou, e assim por diante. Aqui e lá, a todo momento.

Desta forma, a Praça Sílvio Romero, mancha de lazer no bairro do Tatuapé, abriga um "pedaço" nordestino que aproxima dois universos regidos por lógicas diferentes, mas que se comunicam por meio de uma rede de sociabilidade que se torna visível, eficaz e marca o espaço, naquele dia e hora.

## OS FREQUENTADORES

O local é freqüentado por pessoas que se conhecem e fazem parte de um ciclo comum. São geralmente do mesmo local de origem e têm as mesmas raízes, histórias de vida, com oportunidades e dificuldades similares. Há um espírito de pertencimento entre eles. Os iguais ali se reconhecem.

Um "intruso", ao chegar na Praça em meio à movimentação, logo é identificado. É filho de quem? Veio de onde? Há quanto tempo está em São Paulo? Não há quem freqüente os encontros dominicais que não conheça aos demais. Todos são do "pedaço". Quando um parente ou amigo recém-chegado passa a freqüentar a praça, logo é introduzido no ritual. Aquele que conhece aos demais apresenta-o a todos.

"*Esse é o Janjão do Aguiar, da Lagoa Preta*", referenciando o nome ao nome do pai e da cidade natal. Depois de apresentado e identificado por todos, poderá, então, trafegar livremente pelo espaço.

Pessoas de "fora" não são bem-vistas em meio ao ritual dominical, pois ali circulam informações sobre oportunidades de emprego, locais disponíveis para moradia, salários no mercado, além de todo o dinheiro que é enviado semanalmente, de maneira informal, por meio das cartas. Há uma fidelidade entre os freqüentadores que deve ser preservada. Portanto, o que ali acontece não deve interessar a mais ninguém, senão àqueles que estão envolvidos no processo.

Essa relação de fidelidade se impôs ao longo de anos, mediante a confiança recíproca e transcende a simples relação comercial. Concluídas as entregas, os caminhoneiros visitam os parentes dos usuários, informando-se sobre o andamento das coisas, dando e recebendo recados. O vínculo de lealdade e fidelidade assim estabelecido só será quebrado em casos muito graves, algo

como uma discussão ou briga entre as partes.

O encontro dominical reúne, em média, de 100 a 150 pessoas, homens em sua maioria. Podem ser divididos em dois grandes grupos: os "moradores da cidade" e os "moradores do sertão". Os moradores da cidade são jovens solteiros que só vão ao sertão para passar as férias; moram em São Paulo na casa de parentes, ou mesmo no local de trabalho. Neste bloco integram-se também aqueles que são casados e que migraram com toda a família, estabelecendo contato com o sertão da mesma forma que os solteiros, mandando auxílio financeiro para a família e preferindo a época das festas juninas para tirar suas férias e visitar os parentes. Esta é uma prática comum entre os mais jovens, que ainda não constituíram família, ou entre os mais bem sucedidos profissionalmente, o que os possibilita migrar para a cidade com toda a sua família.

Os moradores do sertão são, em sua maioria, casados que migraram para a cidade sozinhos, deixando no local de origem toda a sua família. Em São Paulo moram no local de trabalho, na casa de parentes, ou ainda, em pequenos cômodos alugados. Permanecem na cidade cerca de 8 a 11 meses por ano, e o período restante no sertão. Embora passem mais tempo na cidade, não desejam fixar residência na mesma, já que suas famílias, propriedades e lavouras estão no sertão e consideram a cidade como um local para o trabalho, não de moradia.

Esta prática é mais comum entre os mais velhos ou entre aqueles cuja ocupação profissional não é muito bem remunerada, fato

este que inviabiliza a manutenção de toda a família na cidade, devido ao seu alto custo, diferentemente do sertão, onde o sustento e a moradia são muito mais baratos. Nestes casos o salário mensal só é suficiente para mater o chefe da família morando na cidade, e na maioria das vezes no emprego, o restante do dinheiro é enviado para o sertão, garantindo o sustento da família.

## OS "MORADORES DA CIDADE"

Os "moradores da cidade", como já salientado, vão visitar os seus parentes na época das festa juninas, aproveitando o período festivo para gozar suas férias e usufruir do que há de melhor na região. Eles mantêm o vínculo empregatício em São Paulo e retornam no final do período festivo. Compram presentes para a família e, no caso dos rapazes, adquirem um meio de transporte particular, seja uma motocicleta, bicicleta, ou mesmo automóveis; passo seguinte, são remetidos à sua cidade natal, feito que garante um certo *status* ao remetente. Os parentes que chegam de São Paulo são recebidos com festa, e tornam-se a grande razão das comemorações do período, pois, além da melhoria nas condições de vida, são motivo de orgulho dos familiares.

Entre os moradores da cidade, os solteiros compõem o bloco dos mais jovens, e são eles os mais "modernos". Usam roupas comuns na cidade grande, tais como tênis importados, camisetas, calças e bermudas de grifes renomadas. Alguns comparecem na praça com suas próprias bicicletas ou motos, sinal de ascensão e

Foto: Marcelo Pedrosa de Resende



destaque. Eles curtem bailes, festas, namoram garotas paulistanas e se tornam cada vez mais independentes, sobretudo em relação aos rapazes de sua faixa etária que permanecem no sertão.

A maior preocupação destes jovens é poder continuar na cidade, construir o seu futuro, almejando melhores oportunidades do que as seus pais tiveram. São jovens na faixa etária entre 16 e 24 anos, que freqüentemente trabalham como servente na construção civil. Também há os *office-boys*, balconistas, ajudantes em geral, mas em menor número. São introduzidos no mercado com o auxílio de parentes mais velhos, como tios, pais, irmãos, primos e padrinhos. Alguns têm a sorte de serem introduzidos em áreas nas quais acabam adquirindo uma maior especialização, como pintura, colocação de azulejos e pisos, aplicadores de gesso, entre outros, o que lhes permite um ganho mensal maior, além de uma estabilização econômica mais rápida.

*Eu gosto da vida aqui, a gente se vive independente e pode até ajudar a família lá na nossa terra. Vim aqui trabalhar porque este é o jeito, mas a gente não pode reclamar. Dá para aprender muita coisa, uma profissão, fica mais esperto, aprende mais leitura, mais matemática, aprende a andar para todo lado da cidade. Aqui tem que saber das coisas senão fica para trás. O salário que se vai ganhar no mês, tem que aprender a controlar as despesas, além de mandar dinheiro para a família. Eu acho que é uma escola de onde a gente sai pronto para viver em qualquer lugar do mundo* (João, 21 anos, natural de Piripá-BA, está em São Paulo há seis anos e trabalha como azulejista).

Os rapazes solteiros, na verdade, não têm muito a perder, e também não sofrem tantas privações como os casados que se distanciam de sua família e têm a responsabilidade de sustentá-la à distância. Eles, os solteiros, ajudam no sustento dos pais e irmãos mais novos e gozam de grande destaque nas ocasiões de regresso à cidade natal. É quando as "moças disponíveis" tentam agradá-los para conseguir um possível compromisso.

Dentre os moradores da cidade, há também os "solteirões", aqueles de idade mais avançada que acabaram não se casando quando mais jovens. Alguns dizem que não foi possível casar em razão da "vida dura de trabalho" que levavam; outros alegam a falta de oportunidade, "não apareceu ainda a mulher certa". Estes frequentadores já fixaram sua residência na cidade, moram em pequenas casas alugadas, ou já construíram sua própria moradia. E são raros os casos daqueles que ainda não adquiriram propriedades na sua cidade natal.

As mulheres, embora sejam em menor número, seguem as regras do grupo dos "moradores da cidade": mandam auxílio e sustento para a família e visitam-na no período de festas. As moças não migram na mesma proporção que os rapazes, mas algumas delas conseguem o consentimento da família para tentar a vida em São Paulo. Rosinalva, 23 anos, natural de Piripá, na cidade há seis anos, trabalha em "casa de família".<sup>3</sup>

*Quando eu quis vir para São Paulo foi uma guerra em casa. Sabe, as moça costumam ficar por lá, os rapazes são poucos que por lá ficam, todos vêm. A família sempre acha que é melhor assim, mas lá em casa nós não temos irmãos, meu pai já esteve por aqui trabalhando, mas agora está meio doente, então não tinha outro jeito, era eu que tinha que vir mesmo. No começo, todo mundo desconfia da gente, acha que mulher sozinha*

*em São Paulo vai se perder. Mas isso já passou.*

Rosinalva conseguiu o seu emprego por meio de um parente, e quando chegou na cidade já tinha um trabalho certo. Diz não ter tido muita dificuldade para se adaptar, ajuda sua família e não reclama da vida que leva.

*Eu passeio, tenho amigas e parentes, venho à praça sempre que posso, compro minhas coisas e estou bem. Tanto que, esta que você está vendo é minha irmã, eu arrumei uma casa para ela trabalhar e já faz um mês que ela está aqui. Minha mãe ficou feliz porque eu já encaminhei a minha irmã.*

Há também solteiras que encontram menos dificuldades para migrar, pois o processo já se deu há mais de uma geração para suas famílias. Zélia, 21 anos, natural de Piripá, mora em São Paulo há mais de cinco anos e igualmente trabalha em casa de família. Tem duas irmãs que também estão na cidade no mesmo tipo de serviço. Sua mãe, Zuína, 43 anos, também já trabalhou durante anos em São Paulo, assim como sua tia e avó.

*Eu tenho tias, primas, irmãs, amigas, bastante gente de lá, aqui. E não tem outro jeito para poder viver um pouco melhor lá, a gente tem que construir a vida aqui mesmo. Eu e as minhas irmãs que sustentamos a turma lá em casa, minha mãe ficou doente, e se não fôssemos nós eles estavam passando fome.*

Embora o ganho obtido na metrópole, por vezes, não lhes possibilite uma fixação plena, como a posse da casa própria, ou um emprego fixo, o salário obtido propicia a essa população uma ascensão social no seu local de origem. Lá adquirem suas casas, montam negócios, dão melhores condições de vida aos seus familiares, além da aquisição de bens de consumo, equipamentos e automóveis, bens cuja compra, com os salários ali pagos, beira a impossibilidade.

De fato, essa vida de ir e vir não é fácil, pois não há uma fixação do indivíduo junto a sua família. As relações são estabelecidas à distância e é necessário bastante esforço e cumplicidade de ambas as partes. Entretanto, para vários deles, este não é um fator traumático. Muitos consideram como positivo o intercâmbio entre São Paulo e a terra natal e alguns até prefeririam viver por lá se as oportunidades de trabalho não se concentrassem por aqui. Sobrando poucas alternativas para uma fixação definitiva no sertão, o constante movimento de ir e vir acaba se tornando uma estratégia para aproveitar melhor as oportunidades onde elas estiverem.

O que fica claro é que estes indivíduos adquirem mobilidade mediante a adaptação à dinâmica dos dois universos. Depois de organizado o caminho e conhecidos os mecanismos de inserção na metrópole e no seu mercado de trabalho, não há mais muitas dificuldades para reiniciar o processo. É possível estar no sertão quando necessário e também retornar à metrópole no momento do trabalho.

## OS "MORADORES DO SERTÃO"

O segundo grande grupo de frequentadores da Praça, os "moradores do sertão", cujas famílias permaneceram no pólo de origem, trazem consigo uma maior carga de responsabilidade, ou seja, não desfrutam das benesses de lazer da cidade, como bailes

e namoros, pelo menos na mesma proporção que os solteiros. Eles são mais assíduos aos encontros dominicais e grande parte deles enfrenta o processo migratório sozinho, deixando para trás a família, o que possibilita que esta investida tenha um custo bem menor, ao baratear assim as despesas durante sua permanência na cidade.

São homens na faixa etária entre 21 e 60 anos, que trabalham em sua maioria na construção civil. Na categoria dos casados são raros os casos de empregos em setores diferenciados do mercado de trabalho. Entretanto, há os que se empregam como seguranças, porteiros, vigias e ajudantes em geral. Eles se adaptam a esta realidade e alguns conseguem vê-la com bons olhos, sem grandes amarguras.

Belizário, 54 anos, casado, natural de Jânio Quadros/BA, chegou pela primeira vez a São Paulo no ano de 1959. Trabalha como pedreiro e tem doze filhos. Dado, como é conhecido, veio para cá solteiro e começou a sua vida como servente de pedreiro, diz ter "carregado muita lata"<sup>4</sup>.

*No princípio a gente faz de tudo, precisa aprender, é muito sofrido. Mas depois que pega o jeito, a cabeça abre mais, e aí tudo se desenrola, parece que a gente ganha mais força para viver esta vida. Aprendi a andar na cidade, a procurar emprego, e ainda aprendi o caminho de ida e volta da minha terra para São Paulo. Então ficou tudo muito mais fácil.*

A característica marcante que diferencia os dois grupos de moradores, os da cidade e os do sertão, é a forma como se dá o processo de deslocamento de cada um deles. Ao contrário dos moradores da cidade, os do sertão viajam com maior assiduidade nos meses de setembro a dezembro, período das chuvas. Além de rever os parentes, aproveitam o período para preparar a sua lavoura.

A preocupação destes trabalhadores está concentrada na manutenção e bem-estar de seus familiares. Portanto, com o feijão e a mandioca garantidos para todo o ano e, ainda, com o ganho conquistado em São Paulo, há a possibilidade de se ir para além da mera subsistência, conquistando-se melhorias, tais como a casa e terra próprias, gado, bens duráveis, e, até mesmo, automóveis e motos. Enfim, estes migrantes não retornam para sua cidade natal só para o lazer, mas também para o trabalho.

Alguns resolvem voltar, outros ficam definitivamente em São Paulo. E há os que vão e vêm, conforme as condições de trabalho em cada lugar; embora haja sempre o risco, tanto em São Paulo, como na sua região de origem: no momento da vinda e do retorno nada é garantido. Tanto aqui como lá o mercado de trabalho é restrito e as alternativas são poucas. No "final das contas", São Paulo acaba acenando como uma alternativa, que pode ser tentada, sendo esta uma estratégia utilizada por esta população há várias décadas. Passando de pai para filho, esta hereditariedade da rede acaba por facilitar o processo de inserção dos mais jovens, o que amplia, e em muito, a possibilidade de sucesso desta nova geração.

*"A minha mulher não volta para o sertão desde 71, ela não gosta da roça, diz que o negócio dela é a cidade. Sabe, acho que ela pensa que tudo continua a mesma coisa de quando nós viemos para São Paulo. O sertão hoje já é outro lugar, tudo mudou,*

*tudo melhorou. Tem energia em muito lugares, tem antena parabólica, tem televisão para todo lado. Não é mais só carro de boi ou pau de arara que circula por lá, tem carro, ônibus. Agora tudo chega até lá, tudo que acontece aqui já se sabe lá. O povo viaja toda hora, todo mundo conhece São Paulo, tem sempre um que oferece levar o outro. Tudo mudou muito. Antigamente a gente vinha e não sabia se voltava, não tinha como mandar notícias, os primeiros que vieram sofreram muito, graças a eles, hoje é uma beleza, tudo fácil"* (José Maria, 58 anos, natural de Argoim, trabalha na construção civil e está há 32 anos em São Paulo).

A pesquisa que resultou neste artigo foi construída em torno da Praça Silvio Romero e de seus freqüentadores e acaba por desvelar o grau de conhecimento e entrelaçamento existente no interior deste grupo. E, note-se, as várias experiências vividas aqui relatadas ilustram a maneira como este grupo de migrantes se inseriu na metrópole e como foi se apropriando dos mecanismos que permitem esta inserção. Relações travadas no seu local de origem são reafirmadas neste contexto, o que possibilita visualizar a história da formação deste ponto de encontro que se perpetua há mais de 30 anos, passando de geração para geração. Uma maneira peculiar de ser e de estar na metrópole.

*\*Rosani Cristina Rigamonte é Mestre em Antropologia Social USP/SP e Prof<sup>a</sup> da FFCL de São José do Rio Pardo-SP e do Instituto de Ensino Superior de Mococa-SP.*

## NOTAS

1. O termo é usado na acepção de Magnani: "O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade" (1984:138).
2. O termo é usado na acepção de Magnani: "Existe uma outra forma de apropriação do espaço quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências. São manchas, área contígua dos espaços urbanos dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou completando – uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina, etc. Os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades" (1992:16).
3. Trabalhar em "casa de família" significa a prestação dos serviços de empregada doméstica em uma residência familiar.
4. Carregar latas é uma expressão que designa a função de servente de obra, pois os que ingressam na construção civil sem nenhum conhecimento ou especialização assumem o posto de servente ou ajudante geral, e carregar latas é o trabalho mais duro e menos remunerado em toda a obra.

## BIBLIOGRAFIA

- LEVI-STRAUSS, Claude  
(1989) *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- MAGNANI, José Guilherme  
(1984) *Festa no Pedaco*. São Paulo, Brasiliense.
- MAGNANI, José Guilherme  
(1992) "Da Periferia ao Centro: Pedacos e Trajetórias.". *Revista de Antropologia -USP*, nº 35, pg. 16.
- TÖNNIES, Ferdinand  
(1963) *Community and Society*. New York, Happer and Row.